

### Entrevistadx 3

Entrevistadx: Boa noite. Eu me chamo Entrevistadx. Trabalho na nave do conhecimento nova brásília ministrando cursos de informática. Os cursos que eu já ministrei este ano foram informática básica com inteligência artificial, informática kids, canva, e algumas outras oficinas que é pra atender a nossa população da comunidade do complexo do alemão.

Entrevistadora: Você pode me dizer quais são os valores compartilhados entre os funcionários da nave do conhecimento de nova brásília?

Entrevistadx: Os valores que nós temos, eu vou falar por mim. Hoje mesmo eu recebi um recadinho de uma aluna e, conforme a gente vai desenvolvendo as atividades, a gente vai tendo relatos dos próprios alunos. Uma delas faz faculdade, trabalha a noite e não vem ao caso citar o nome, mas ela estava muito feliz com a aula que a gente havia ministrado, com o curso que ela havia realizado comigo, porque ela pagava as pessoas para fazerem os trabalhos da faculdade, porque ela não tinha o conhecimento nem o domínio da ferramenta tecnológica. E a alegria, a felicidade de ver no rosto dela: “professora, professora! Eu não vou mais pagar 350 reais para fazer o trabalho. Eu acho que isso é muito gratificante, sabe? A gente saber que pode transferir e transmutar e fazer uma transformação na vida das pessoas. Por mais simples que seja pra gente que tem um conhecimento, pra eles que estão aprendendo qualquer conhecimento é muito gratificante pra essas pessoas e pra gente também, como seres humanos.

Entrevistadora: Você pode me contar uma situação real em que esses valores tenham ficado bem claros ou surgido?

Entrevistadx: Hoje eu tive outro recadinho no whatsapp, uma aluna que faz técnico em administração na faculdade estácio de sá, que ela mandou um bilhetinho falando: “professora, estou muito contente, eu usei a ferramenta que a senhora ensinou. Estou muito feliz. a senhora foi top. Aí eu falei: “não fui eu, foi você”. A gente só faz o que com o aluno - eu enquanto educadora, enquanto professora? Não tem como falar de educação sem falar em transformação de vida. E isso pra mim é virar uma chave. E quem conduz todo o saber são eles mesmos. A gente só dá uma diretriz. Na verdade a gente acaba aprendendo também com eles, até nesse feedback.

Entrevistadora: Você tem uma foto que tenha tirado dessa situação ou poderia me mostrar uma imagem qualquer que represente essa situação e esses valores?

Entrevistadx: Até tenho, mas não posso fazer agora, porque eu estou no celular. Eu te mostro os depoimentos relacionados a esse tipo de coisa.

Entrevistadora: Como os valores que você identificou na sua interação com a comunidade afetam o planejamento e a execução das atividades na nave?

Entrevistadx: Bom. A gente trabalha no complexo do alemão. A gente vê diversas situações. Eu trabalho na parte da manhã, dou aula na parte da manhã. Quando a gente trabalha com criança a gente percebe uma necessidade muito grande de afeto, de carinho, de comida. Muitas das vezes não tem alimentação. Quando não, ocorre algum tipo de confronto no qual

a gente não pode abrir a nave, porque vai ter operação. Então existe toda uma logística que quando a gente vai receber esse aluno a gente tem que ter um pouco de calma, sabedoria, tranquilidade, e entender como a gente pode agregar valores com relação a isso. E como a gente trabalhar com essa dificuldade dos alunos? Muitos deles não têm computador, às vezes tem celular, às vezes não tem celular. Às vezes não tem nem o que comer. Isso é um fato. E aí a gente tem que se adaptar de uma forma que eles se sintam acolhidos pela nave do conhecimento e por todos nós da equipe da nave pra que a gente possa desenvolver um trabalho.

Muitas vezes a nave é o coração deles, tá? A nave acaba sendo o coração de uma comunidade tão carente. Quando eu digo carente é carente de tudo. Mas mesmo assim eles ainda encontram um espaço acolhedor e muito atrativo pra que eles venham aprender. Outros utilizam para aprender jogos. Ou até pra não ficar num meio onde não é pra se permitir. Então a nave pra mim é um referencial muito positivo em termos de comunidade, em termos de nós enquanto profissionais que trabalhamos lá. Eu vejo isso com muito carinho, sabe? Muitas das vezes tem alunos meus mesmo que têm um odor muito forte. Outro dia a gente estava comentando sobre isso. Aí falam: “como é que você lida com isso, Entrevistadx?”. Eu lido com naturalidade, porque eu não posso constranger, porque às vezes não têm nem o que comer, que dirá colocar um desodorante debaixo do braço. E a gente tem que saber trabalhar em cima disso.

Então não é só ensinar. Existem diversos fatores que às vezes ajudam, às vezes contribuem, e às vezes não. A gente tem que se adaptar de acordo com o dia a dia daquela pessoa que está ali envolvida com a gente.

Entrevistadora: Com muita sensibilidade e humanidade, né?

Entrevistadx: Muita, muita. É o olhar além do olhar, sabe?

Entrevistadora: Você sente deles uma retribuição com relação a esse seu carinho? Especificamente dessas pessoas que têm mais dificuldade?

Entrevistadx: Sim, com certeza. O respeito, o carinho. Embora nós estejamos num local de uma comunidade com diversos fatores que eu falei. Financeiro, carência afetiva, questões familiares, enfim... vários tipos de preconceito. Ali a gente trabalha com amor, respeito e carinho e com a situação de acolhimento, então a gente recebe isso deles. Eles entram com muito carinho e com muito respeito falando com a gente. Não temos problema nenhum. Principalmente eu. Eu sou até suspeita de falar, sabe?

Entrevistadora: Como as suas decisões no seu trabalho dependem dos valores que você identificou?

Entrevistadx: Então. O que que acontece. Como eu vou desenvolvendo as atividades de acordo com o que eu vou propor desde o conteúdo, a ementa, como a gente vai desenvolver. Na primeira aula eu sempre tenho um cuidado e um controle muito grande. E fazer aquele acolhimento. De perguntar, conversar... pra que eu possa expandir o conhecimento, ou seja, desenvolver de acordo com o que eu estou recebendo. Que muitas das vezes no planejamento a gente se programa, a gente se organiza, mas tem horas que aquilo que a gente programou não dá certo. Ou aquela população não está com interesse de aprender aquilo. Então você tem que puxar, de uma forma que seja clara, objetiva e que

atinja o que eles querem de fato. Vou dar um exemplo aqui: quando você fala... “vou dar uma plataforma: Canva”. A plataforma do canva é uma plataforma que tem ricas possibilidades pra quem faz unha, quem faz cabelo, quem faz trança, quem vende produtos de beleza, quem faz salgadinho. A maioria dos meus alunos tem essa coisa de empreendedorismo local. E o que eu faço? Eu vou trabalhar com canva, eu vou trabalhar dentro dessas possibilidades, pra que ele possa criar a arte, para que ele possa se expandir no trabalho dele. Então o que acontece? Existe um interesse tanto da parte deles quanto da minha parte de querer contribuir para o crescimento deles. E da parte deles de buscar mais pra poder ficar no curso. Então existe um elo de alinhamento entre a comunicação do professor e do aluno. Isso faz com que a gente consiga fazer um planejamento dentro daquela realidade pré vista que a gente desenvolve. E aí depois eu vou seguindo passo a passo com cada aluno.

Entrevistadora: Você trabalha então coletivamente, mas também individualmente com eles.

Entrevistadx: Sim. Com certeza.

Entrevistadora: Pra você, com que objetivo as naves do conhecimento foram feitas?

Entrevistadx: Bom, eu acho que a nave do conhecimento, o objetivo dela foi bom e enriquecedor pra população e a comunidade, de um modo geral. Porque ela acaba agregando valores de aprendizagem para o aluno, de conhecimento, de entretenimento, até tem muitas pessoas pós pandemia que sentiram necessidade de estar se comunicando, falando. E aí ela veio com uma forma muito boa de fazer esse entretenimento. às vezes pessoas que vão na nave para pedir ajuda pra imprimir ou ver um documento, ajudar a fazer o cadastro de uma matrícula de um aluno do município, do governo. Ajudar como é que vê a aposentadoria. Ou seja, não tem acesso à comunicação, não tem acesso a computador, não tem acesso a conhecimento. E a nave acaba agregando esses valores para a comunidade lá local. Estou falando do complexo do alemão. Então a realidade lá é muito voltada pra essa questão, de atender o público, suas necessidades e contribuir da melhor forma possível.

Entrevistadora: Você enxerga a nave do conhecimento como um telecentro, uma instituição de tecnologia? Como você enxerga?

Entrevistadx: Eu enxergo a nave do conhecimento como agregação de transformações de vida. Porque quando a pessoa não tem conhecimento e ela vai lá buscar. Ainda mais hoje que a gente fala de IA, de Inteligência Artificial, a gente tem diversas plataformas que estão vindo com uma energia muito grande. Eu acho que elas vieram pra contribuir e vieram pra ficar e as pessoas estão percebendo o quanto ela está sendo importante nessa transformação. Então ela é fundamental estar na comunidade e fazer esse trabalho de levar o conhecimento à população mais carente que tanto necessita.

Entrevistadora: Mas então ela seria mais como um telecentro?

Entrevistadx: Muito mais. Muito mais que um telecentro. Eu acho que ela é um núcleo gigantesco...

Entrevistadora: Seria uma escola?

Entrevistadx: Escola ... eu acho que a gente tem uns padrões né.... É muito complexo falar escola. Mas eu acho que é um núcleo de transformação do ser enquanto quer amplificar as suas habilidades profissionais. Acho que é isso.

Entrevistadora

Isso inclui as crianças também?

Entrevistadx: Inclui. Ela engloba. O legal é que ela abre um leque de opções para qualquer tipo de idade. A terceira idade. Eu já dei curso pra terceira idade. E é muito bacana saber que as pessoas estão buscando esse querer aprender e mexer, né. E tem o lado da Inteligência Artificial, que é a Informática Básica com Inteligência Artificial, que eu dei também. E que também tinha pessoas da terceira idade querendo aprender, porque não sabe mexer, o neto não quer ajudar, a filha não tem tempo. E acaba que eles têm esse interesse de ir pra nave pra aprender. A nave tem sido muito importante na comunidade de um modo geral.

Entrevistadora: Desde quando você está na nave, Entrevistadx?

Entrevistadx: Eu acho que estou há 8 meses.

Entrevistadora: É muito tempo, mas ao mesmo tempo é pouco tempo para estar tão ambientada. Os alunos te conhecem e te tratam com muito carinho.

Entrevistadx: eu desço a comunidade e "Olha a tia do cabelo vermelho!". É muito legal isso. Isso daí é uma referência de carinho e eu tenho esse carinho com eles porque é muito importante. Não basta apenas ensinar, eu acho que vai além do ensinar. O Olhar que você tem que ter. O respeito que é fundamental.

Entrevistadora: Com certeza. E o que você acha que pode ser melhorado para que as naves do conhecimento efetivamente cumpram o seu objetivo?

Entrevistadx: melhorar? Em que sentido? Tecnológico? Em termos de tecnologia?

Entrevistadora: Alguma coisa que precisa melhorar para que ela cumpra realmente o objetivo dela.

Entrevistadx: Ela está passando por reformas e nós já comentamos a respeito dos novos aparelhos, equipamentos. E tão vendo isso, devido à importância que ela apresenta para a comunidade. Até pelo equipamento mesmo. Deve ter muitos anos esse espaço

Entrevistadora: Entendi. Então mais mudanças estruturais

Quais são as atividades da Nave do conhecimento de nova Brasília que possuem maior procura/engajamento do público visitante?

Entrevistadx: Informática básica. Quando eles não têm nenhum contato com a questão da digitação, computação. O público alvo vem direto pra Informática básica. Pra saber mexer, saber ligar um computador, saber digitar, saber fazer uma pesquisa de busca na internet. Isso daí é uma procura muito grande em termos de aprendizado. É uma coisa que a gente não pode deixar de ter nos nossos cursos, desenvolver esse trabalho lá também.

Entrevistadora: Tem mais algum curso que você identifica que tem mais engajamento?

Entrevistadx: Tem. Tem o de fotografia que o pessoal gosta muito. Tem uma procura grande. Tem audiovisual. Tem coisa voltada pra crianças. Informática kids. Que tem essa intenção de ajudar aí. Eu enquanto educadora, eu não posso sair da área de educação. Eu estou trabalhando com eles. Informática kids. Estou com duas turmas, de manhã e a tarde, pra poder atender esse público que vem me pedindo bastante. E aí eu estou trabalhando o tema “festa junina”. E fazendo texto, fazendo com que eles busquem pesquisar. Aí através da digitação eu venho fazendo as correções ortográficas, explicando como é que se escreve, como é que se deixa de escrever, o que eles acharam interessante na pesquisa. Ou seja, fazendo de uma forma com que eles sintam prazer. E a aula se torna mais atrativa. Então principalmente toda a vez que eu trabalho com informática, principalmente kids - que criança eles são muitos eléticos, enérgicos - Então você não segura muito tempo. Aí você trabalha de uma forma bem lúdica e bem atrativa pra que ele busque interesse pra que ele retorne e tenha essa continuidade no curso. Isso tem sido muito positivo. A ponto de eu ter que abrir uma outra turma mês que vem por causa dessa demanda. Aí eu falei “meu deus, mas eu estou acabando de fazer uma turma e já vou entrar em outra novamente?” E a demanda está sendo assim. Eu falei: “Está bom, não vou falar não. Muito pelo contrário”. Eu não vou retirar eles da atividade que eles se desenvolvem. Eu quero é que eles se desenvolvam, pra buscar o conhecimento.

Entrevistadora: E eles vão por espontânea vontade.

Entrevistadx: Sim. Eu vou descendo a rua da comunidade e “tia! Quando é que vai ter curso?”. É gratificante.

Entrevistadora: Quais são as atividades ou tipos de atividades que são mais constantes na nave?

Entrevistadx: Então. A gente desenvolve muita atividade na nave. A nave ela é muito ativa. Não é um órgão parado. Todos os dias a gente tem atividades. Todos os dias a gente tem cursos diferentes, aula diferente, workshop diferente, oficinas. Então ela é muito eclética, flexível a diversas atividades. Hoje por exemplo nós recebemos visitas de americanos. Vinte jovens mais ou menos que vieram dos estados unidos para conhecer a nave. O pessoal do Voz, enfim.... Então eu não posso nem te dizer assim qual é o específico. Eu acho que todo o público que a gente coloca, por mais que seja 5, 10, 15 , 20, sempre tem público, sabe?

Entrevistadora: Mas quais são as atividades que têm que são mais constantes?

Entrevistadx: Eu acho que é informática básica. Mais constante, eu acho. Tem a fotografia também né, que o curso é mais extenso. Mas quando se tem vaga imediatamente lota. E tem o curso de audiovisual que está ocorrendo que tem um público muito grande e

diversificado. De várias áreas que fazem o curso. E às vezes quem nem é da comunidade acaba participando.

Entrevistadora: Quais cursos são procurados de forma mais contínua pelo público?

Entrevistadx: Informática básica. É o carro chefe da nave depois do audiovisual, depois da fotografia. Informática básica. Inteligência Artificial a gente tem trabalhado em cima também. Tem um público ... Inteligência Artificial, chatgpt ainda é muito inovador, tem gente que ainda não sabe nem o que é isso. A procura tem sido satisfatória, mas aos pouquinhos eles acabam percebendo a dimensão do que que é isso através dos cursos. Então isso tem sido um processo de engajamento bacana.

Entrevistadora: É um curso só de inteligência artificial ou também é só de chatgpt?

Entrevistadx: Então, a gente tem um curso só de chatgpt em que a gente ensina como fazer os prompts, como se desenvolve, como se trabalha, pra que que serve. Tem as oficinas e tem informática básica com inteligência artificial, que também trabalha da mesma forma. Do método tradicional, mostrando o que que é e engajando na inteligência artificial.

Entrevistadora: Quais são as atividades que já ocorreram na nave que você percebeu que tiveram mais a ver com as potencialidades e a cultura da comunidade da favela de nova brásilia ?

Entrevistadx: Ah, nós fizemos. Então... tem muito pouco tempo, eu vou te dizer... O que me chamou atenção foi quando a nave fez aniversário, que teve uma oficina muito bacana, que teve um vídeo que foi do grupo do audiovisual e da fotografia, que fizeram uma apresentação belíssima. Isso me chamou e marcou muito. Agora eu não me lembro mais ... tem hora que eu até vou esquecendo sim.

Entrevistadora: Quais são os tipos de atividade que você gostaria ou sente falta que haja na nave?

Entrevistadx: Então, tem coisas que fogem da nossa área tecnológica. Como eu sou professora, não tem m como você fugir da área tecnológica. Às vezes você até tenta... Na nave teve um projeto, não sei se você soube. Tecnopáscoa ou Páscoatech. Lembra disso? Foi um projeto. Eu queria muito trabalhar com as crianças a páscoa, mas não saberia como dentro da tecnologia. Então eu falei "Vou dar um jeito de trabalhar a páscoa e fazer que eles criem chocolate". Usamos a mesa digitalizadora, usamos a impressora 3D fazendo os coelhinhos pequeninhos e usamos o chocolate. Então eu fiz todo esse processo e o processo de digitar, pintar, tudo foi feito. Ou seja, eu tentei usar a ludicidade da questão de enfeitar o ovo, comer, cortar, botar na forma... enfim... pra atender a tecnologia e ao mesmo tempo atender a criançada, entende? Então tem muitas coisas eu que viajo, mas eu acredito que às vezes eu consigo embutir, entendeu? Por exemplo, a festa junina com conteúdo de informática kids, como Informática kids junino. Então em tudo eu estou falando de festa junina. O tema, o que que come, quais são as regiões, aí eles têm que criar uma tabela. Quais são as regiões em que se dançam as festas juninas, que tipo de comida em qual região tem mais. E então eles vão fazendo uma pesquisa, vão criando uma tabela dentro do word e vai fazendo as coisas. Então depois na sexta feira eu falei: "depois a gente

vai fazer um lanche julino. Cada um traz um negócio”. Eu sei que eles não vão poder trazer, mas eu vou levar, entende?

Entrevistadora: Isso é muito importante, esse trabalho que você está fazendo. Eu também quando era professora. Eu fui professora de ensino médio, né. Era diferente. Eu dava aula de Física e não era em espaço não-formal, era um espaço formal que era a escola. Você falou que viaja de vez em quando. Eu acho que é muito importante a gente dar uma viajada mesmo que é pra gente chegar a esse ponto, que é o ponto que a gente acha que é um ponto bom né. Igual ao ponto de doce né. Eu também às vezes ia pro pátio e brincava de peteca com eles, porque eu achava que eles podiam sentir na maozinha deles. A massa quando a peteca batia na mão. Sentir a ação e reação que era a massa batendo na mão e a força da peteca na mão e a força da mão na peteca. E aí com isso a gente ia construindo o sentido do uso da física né. Porque se você for olhar, sem ter aplicação não tem sentido, né. E determinadas aplicações são muito distantes da realidade.

Entrevistadx: É verdade. é sim.

Entrevistadora: Aí eu lembrei quando você falou isso. Porque é difícil saber o ponto. Muitas vezes é isso. Porque se você jogar só a peteca não está num ponto bom, né. Se você for ensinar só conta, também não tá bom. Mas se conseguir aliar uma coisa à outra, né. ..

Entrevistadx: Como diz paulo freire, não há saberes iguais, há saberes diferentes. Cada um vê de um ângulo diferente que pode melhorar, e assim vai seguindo.

Entrevistadora: Você teve alguém que ensinou assim essa parte ou você acha que isso você desenvolveu mais em contato com os alunos?

Entrevistadx: Eu acho que eu desenvolvi mais com o contato com os alunos e com a falta de materia. Você criar e tirar de onde não tem. Já trabalhei em diversos tipos de escolas e a maioria das escolas tinha material em excesso. E outras, não tinham. E aí você tem que criar. Você tem que trabalhar e fazer criar de uma forma que seja prazerosa não somente para os alunos como também pra você. Porque quando você tem material farto pra trabalhar, fica tudo mais fácil. Quando você não tem o material adequado pra trabalhar, você tem que criar e não se acomodar. E aí é o criar que te abre o horizonte e onde as crianças te dão o retorno. Não só a criança, mas o adulto também. Aí você vê: “caramba...., eu não levava fé naquilo mas deu. Deu certo. Então a gente tem que criar através das possibilidades.

Entrevistadora: Pra você o que é dado?

Entrevistadx: Dados. Dados pra mim refere-se a uma situação em que eu preciso ter a visão concreta daquilo que eu posso até entender sim, mas eu preciso fazer uma busca pra coletar diversas informações pra que eu possa desenvolver um projeto, um trabalho. Dados é aquilo que eu vou receber. Eu preciso saber de algo, mas pra que eu saiba de algo eu tenho que coletar. Eu tenho que conhecer, eu tenho que pegar as informações e desenvolver. E pra eu desenvolver eu preciso ter os dados. Eu vou trabalhar quem são as pessoas, o quantitativo de pessoas que eu vou desenvolver, o que é o propósito que eu vou querer com essas pessoas, que eu acho que deve ser mais ou menos isso. Eu estou

falando aleatoriamente como eu vejo dados. Dados é como se fosse uma estatística de algo que eu vou querer alcançar. Certo? Ou errado? Não sei. Mas eu acredito que eu preciso coletar dados. A gente utiliza muito essa frase né. Eu preciso coletar dados. O que que vem a ser esses dados. Depende. Ele varia muito. Porque ele é muito amplo quando eu falo de dados. Pode ser dados de estatística, pode ser dados de questões é... vamos supor que no morro do alemão, no complexo do alemão os dados que nós temos é que o índice de pessoas que não têm comida é muito grande. Então são dados coletados diante do que você fez. Uma busca, uma pesquisa, um formulário. Isso é o meu ver.

Entrevistadora: E o que é informação?

Entrevistadx: Informação é tudo o que vem te agregar valores. Porque tem muita fake news e você tem que saber o que você vai ouvir o que você vai escutar, o que você vai falar. Porque a comunicação é muito ampla. E uma coisa é que ela é tão ampla, que ao mesmo tempo ela pode ser ambígua em que sentido? Quando você faz uma comunicação ela tem que ser interpretada. E como essa comunicação está sendo interpretada? Eu não vou falar com você porque eu não quero. Pronto. Você vai entender como? A comunicação ela é muito importante, e a gente tem que saber falar com essa comunicação. Porque às vezes um dia que você não tá legal, qualquer fala que alguém venha falar com você, você já se amedrontou. Porque você não tava legal, mas a pessoa tava normal. Ela só falou uma coisa que talvez esteja sensível demais. Essa comunicação teve uma interferência. Então a comunicação é fundamental na nossa vida, mas a gente tem que saber trabalhar em cima da comunicação, que uma vez mal feita ela se desvirtua e acaba causando problemas sérios.

Entrevistadora: E pra você o que é literacia de dados?

Entrevistadx: Não sei. Quero saber. Me diga!

Entrevistadora: E se eu mudar, disser que é alfabetização de dados. Você me diria alguma coisa que pode ser?

Entrevistadx: Alfabetização de dados. Eu acredito que você vai ter uma meta para se desenvolver de acordo com aquela resposta. Eu tenho uma turma do ensino fundamental 1, do primeiro ao quinto ano. Da primeira à terceira série eles estão respondendo a linguagem de uma forma correta em termos de ortografia, grafia, está top. Do quarto ao quinto ano, eu não percebo essa melhoria. Que que nós podemos fazer para levantar qual atividade... que dados a gente pode colher pra gente ter um processo diferenciado pra ter um retorno melhor? Eu acredito que seja isso.

Entrevistadora: E pra você, quais têm sido ou quais foram as atividades realizadas na Nave do Conhecimento de Nova Brasília sobre dados?

Entrevistadx: Foi com a professora Entrevistadora da UFRJ (risos). Ela tem sido bastante atuante lá na Nave do Conhecimento de Nova Brasília, no Complexo do Alemão, fazendo um trabalho lindíssimo, que é muito gratificante da gente receber e ver tão engajada, tão comprometida, tão envolvida e tendo aquele respeito no local em que está. E transmitindo valores e conhecimentos, o que é muito importante. Cada conhecimento que agrega na



nave, eu acho que é de suma importância e as crianças têm recebido a Entrevistadora com muito carinho. Às vezes eles até acham que ela trabalha lá. Ô Lu (risos)... está sendo muito legal, sabe? Inclusive eu participei junto com ela. Eu ajudei na verdade, ela a fazer um workshop sobre sustentabilidade no qual foi unanimemente lindíssimo e foi belíssimo o trabalho que ela desenvolveu. E foi isso. Eu acho que é por aí. A gente precisa trocar e compartilhar.

Entrevistadora: É só continuar, né. Desenvolver as coisas melhor, melhorar as propostas de workshop. Tudo bem? Já tem uma aí pra gente mexer né?

Entrevistadx: Verdade

Entrevistadora: Como você pensa que os usuários da nave podem ser afetados pela falta de conhecimento e visão crítica sobre dados?

Entrevistadx: Então..., quando a gente não tem o conhecimento, a gente é leigo né. A gente não tem essa visão. E tudo o que é novo assusta. E pra eles falarem de dados. Eles até sabem o que é dados, mas não sabem interpretar o que vem a ser dados. Assim como eu também. Mas a gente vendo, todos nós sabemos. A gente só não sabe o termo correto da pronúncia de se falar o que vem a ser. Eles até sabem, mas eu acredito que é o que eu tô falando. Todas as atividades que são desenvolvidas na nave são muito importantes, porque a gente precisa levar informações pra essas pessoas que não têm mesmo. Que quanto mais eles tiverem essa oportunidade de estarem recebendo o conhecimento, a gente vai estar acendendo uma luzinha. E essa luzinha vai estar propagando pra que ele venha buscar a melhorar, a buscar, a conhecer, a se desenvolver. Então eu acho que é muito válido, caramba. Não tenho nem o que falar.

Entrevistadora: Quais ideias/sugestões/conselhos você poderia me dar com respeito a criação de oficinas para ensinar sobre literacia de dados, levando em conta que a literacia de dados é a alfabetização em dados, ou seja, os primeiros passos para aprender a lidar com dados de forma responsável e crítica?

Olha, eu não tenho críticas, sabe? Eu acredito que a gente pode inovar na questão de dados em que sentido. Primeiramente, vamos conhecer mais eles pra você ter um trabalho de dados extremamente maravilhoso. Porque, como tudo é muito novo pra eles, eles têm dificuldade. Porque eles sabem, mas eles precisam ter um direcionamento. Porque senão o negócio não flui. Até por questões de limitações. Que tipo de limitações? Um cérebro bem alimentado ele trabalha e funciona mais. Um cérebro que não se alimenta, ele vai se alimentar de que? Ele vai falar de que? Então a gente precisa trabalhar, se envolver, mais perceber mais, sabe? Pra que a gente possa buscar um retorno melhor. Eu acredito que vá conseguir. É tipo dar uma gotinha e puxar a gotona. É mais ou menos assim, mas vai dar tudo certo.

39:10 / 1:23:55